

## **TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA COMO INSTRUMENTO DE CUIDADO PARA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DA UFBA**

Jarbas Carneiro Mota (1), Ravenalla Oliveira Pinho (2), Anamélia Lins e Silva Franco (3)

(1) Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, jarbascm@hotmail.com; (2) Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, raveoliveira@hotmail.com; (3) Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof Milton Santos da Universidade Federal da Bahia, anamelialins@gmail.com

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) vem se tornando uma importante ferramenta de cuidado à saúde mental. Segundo Adalberto Barreto (2005), é um espaço de acolhimento, para a partilha de sofrimentos e sabedoria de vida, que ocorre de maneira circular e horizontal; constitui um espaço de escuta, reflexão e troca de experiências, criando uma teia de relação social entre os participantes, na busca de soluções para os conflitos pessoais e familiares.

Na TCI, as pessoas ficam dispostas numa roda, com o intuito de possibilitar a visualização e a integração dos participantes entre si, cada participante relata o seu tema/problema e depois é escolhido um deles para ser debatido na roda, dessa forma, nesse trabalho, serão analisados apenas os temas principais escolhidos de cada roda, que representam os mais importantes e que acometem com maior frequência o público alvo. Para conduzir as rodas, o terapeuta comunitário segue cinco fases, quais sejam: o acolhimento, a escolha do tema, a contextualização, a problematização e o encerramento (BARRETO, 2005). Elas podem ser realizadas em qualquer espaço comunitário, como igrejas, associações, escolas, unidades de saúde da família, hospitais, entre outros.

A vida universitária é um momento de inúmeros acontecimentos, como o distanciamento do núcleo familiar (no caso de alunos do interior que vão para os grandes centros urbanos onde se encontram as Instituições de Ensino Superior), conflitos, decisões e escolhas, gerando sofrimento e adoecimento mental, promovendo depressão, estresse e ansiedade, por exemplo. Estudos e autores afirmam que universitários podem ser considerados como um segmento especialmente sobrecarregado e desprotegido no contexto da universidade (NEVES e DALGALARRONDO, 2007; FUREGATO et al, 2005), outros apontam para o alto consumo de álcool e drogas entre esse público (BEVILAQUA et al, 2006).

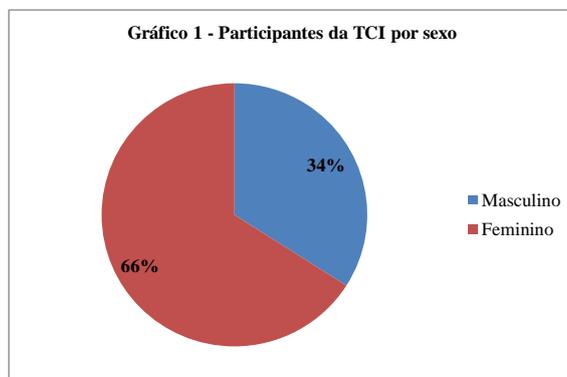
Partindo deste contexto, na tentativa de minimizar os transtornos mentais e criar um espaço de partilha do sofrimento e descoberta para universitários, foram ofertadas Rodas de TCI abertas para todos os estudantes de qualquer curso da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Cada roda realizada foi registrada numa “Ficha de Registro das Rodas de Terapia Comunitária” que contém

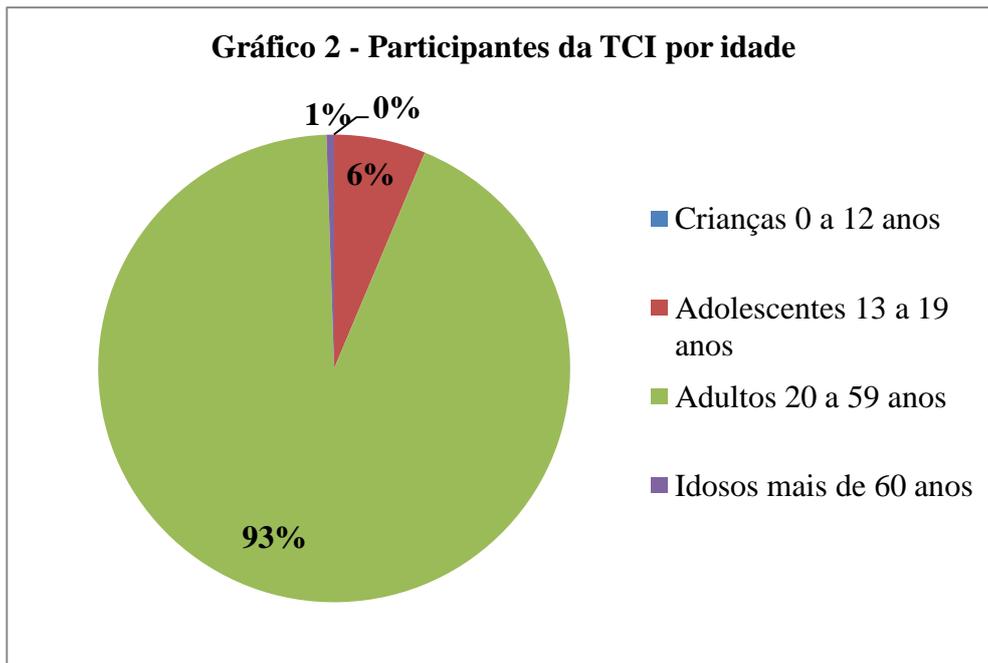
itens como: endereço do local da TCI, número de participantes, temas (problemas) propostos pelos participantes e estratégias de enfrentamento do tema escolhido, dentre outros.

Sendo a TCI uma ferramenta ativa na escuta e acolhimento do sujeito e seus conflitos, tomada como instrumento de cuidado para saúde mental dos estudantes da UFBA, faz-se necessário analisar a experiência das rodas realizadas com esse público, sendo o objetivo desse trabalho. Será analisado o perfil dos participantes, fazendo uma estratificação por idade e sexo, bem como os temas (problemas) propostos pelos mesmos.

A proposta de realização de TCI com universitários partiu de alguns terapeutas do 1º Curso de Formação de Terapeutas Comunitários da UFBA, observando a potencialidade do espaço e efeito que a terapia poderia provocar na vida do público alvo. As fichas de registro foram criadas pela organização do curso para o controle e acompanhamento das rodas realizadas pelos terapeutas em formação, se tornando a base para análise ao apresentar dados que mostram a realidade da vida universitária.

Foram realizadas 20 rodas de TCI entre os dias 15 de outubro de 2015 e 29 de setembro de 2016 no Campus Universitário de Ondina na Universidade Federal da Bahia. Ao todo, participaram da atividade, 191 universitários de diversos cursos, uma média de 9,55 participantes por roda, estratificados de acordo com o sexo (*Gráfico 1*) e a idade (*Gráfico 2*).



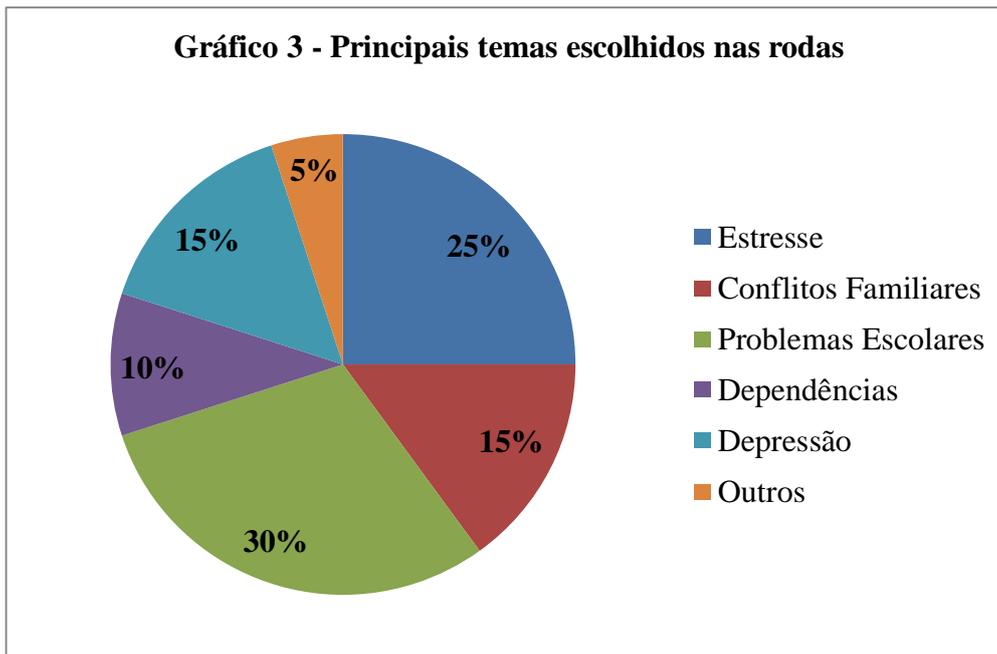


Não houve presença de crianças 0 a 12 anos (*Gráfico 2*), pois a faixa etária não corresponde a idade universitária em nosso país, e apenas 1% dos participantes eram idosos mais de 60 anos (*Gráfico 2*), mostrando que a faixa etária não é prevalente entre os estudantes.

Os problemas trazidos para partilha foram agrupados de acordo com os títulos abaixo:

- I. Estresse (angustia, medo, ansiedade, insônia, nervosismo, raiva, desânimo, entre outros);
- II. Conflitos familiares;
- III. Violência, Exploração sexual/Pedofilia;
- IV. Conflitos (habitação, religião, companheiro de quarto/casa, entre outros);
- V. Problemas escolares;
- VI. Dependências (jogos, tráfico, remédios, drogas, álcool, tabaco, entre outros);
- VII. Depressão;
- VIII. Trabalho;
- IX. Abandono, Discriminação, Rejeição;
- X. Problemas mentais, Psíquicos, Neurológicos (epilepsia, autismo, psicose);
- XI. Outros.

**Gráfico 3 - Principais temas escolhidos nas rodas**



Conforme podemos observar na composição dos participantes das rodas de TCI, o público feminino é dominante, sendo 66% do total. Na faixa etária estabelecida nas fichas, os adultos de 20 a 59 anos representam 93% dos participantes, sendo ausente a presença de universitários idosos com mais de 60 anos. Em uma das rodas houve a participação de uma criança de 10 anos, filha de um estudante. Ao verificar os principais temas escolhidos nas rodas é nítido a existência de sofrimento psicológico e social de alguma ordem entre estudantes universitários, 30% apresentam problemas escolares, como *déficit* de aprendizagem, baixo rendimento ou sobrecarga de atividades avaliativas, conforme os relatos, promovendo a ocorrência de estresse em 25% dos universitários.

No Brasil o primeiro estudo sobre saúde mental em estudantes universitários data de 1958, nele Loreto verificou que cerca de um terço dos estudantes da Universidade Federal de Pernambuco apresentaram sintomatologia neurótica, e dois terços, dificuldades de personalidade e padrões de reações emocionais inadequados (LORETO, 1958). Apesar de situados em épocas diferentes, o estudo de Loreto já apresentava um panorama que perduraria por anos na vida universitária, e se mantém até hoje quando se observam os dados do *Gráfico 3* e percebe-se que a população apresenta problemas globais, ocasionados por situações internas (estresse, depressão, sofrimento mental) e por situações interpessoais (conflitos familiares, problemas escolares, dependências).

Segundo Assis & Oliveira (2010), a vida universitária de um jovem necessariamente o faz pensar na importância que tem para sua família, que muitas das vezes o espera de longe, e para a sociedade que lhe faz o investimento e lhe exigirá o retorno deste saldo na proposição e no trabalho por condições de vida melhores e acessíveis a todos. Essa relação pode ser percebida no *Gráfico 3*,

quando se verifica que 70% dos estudantes relataram estresse, conflitos familiares e problemas escolares nos temas escolhidos nas rodas.

Apesar de representar apenas 10% dos relatos, a dependência é um problema importante entre os universitários. Durante a vida acadêmica o consumo exagerado de bebidas alcoólicas e até o consumo de drogas é facilmente percebido entre esse público, pois é um período de novas experiências de sexo, bebidas e drogas, onde a existência de festas e a moradia coletiva podem ser fatores influenciadores dessa situação (BEVILAQUA et al, 2006).

A partir desse breve relato percebe-se o quão são importantes estudos focados nesse grupo, dando-se ênfase às dimensões mais vulneráveis nessa fase da vida. A existência de programas de apoio psicológico ou iniciativas dessa natureza, representada pelo uso da TCI, para os estudantes é de grande importância para a sua saúde mental, objetivando diminuir o estresse, a ansiedade e dificuldades de relacionamento, por exemplo.

## Referências

ASSIS, Aisllan Diego; OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro. Vida universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, v. 2, n. 4-5, p. 163-182, 2010.

BARRETO, A. Terapia Comunitária passo a passo. Fortaleza: Gráfica LCR; 2005.

BEVILAQUA, Nayara Rubya; BRAGA, Rafael Nunes; LEONEL, Vilson & BEM, Amilton Barreto de. Consumo de álcool entre estudantes de dois cursos universitários. Revista ContraPontos, v 6, n 1, jan/abr, p 123-136. Itajaí: 2006.

FUREGATO, Antonia Regina Ferreira; NIEVAS, Andréia Fernanda; SILVA, Edilaine Cristina & JÚNIOR, Moacyr Lobo Costa. Pontos de vista e conhecimentos dos sinais indicativos de depressão entre acadêmicos de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 39 (4), p. 401-408. São Paulo: 2005.

Loreto G. Sobre problemas de higiene mental. Neurobiologia. 21(3-4):274-83, 1958.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 2, 1996.

NEVES, Marly Coelho Carvalho; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 56 (4), p 237-344. São Paulo: 2007.